

SEGUNDA EDIÇÃO DO FESTIVAL DULCINA PUBLICA EDITAL PARA FOMENTAR O RETORNO PÓS-PANDÊMICO DOS GRUPOS DE TEATRO BRASILEIROS

As novas gerações abraçaram o ideal da Faculdade criada por Dulcina de Moraes

O LEGADO DA dama DO TEATRO

a artista morreu por complicações de uma diverticulite; o legado, contudo, com todas as glórias e desalentos, segue vivo e se manifesta na segunda edição do Festival Dulcina, marcado para novembro deste ano.

O festival

À frente do festival na posição de diretor geral, Cleber Lopes começou a carreira como aluno na Faculdade Dulcina. Nos idos de 2011, como fundador da instituição, Lopes começou a desenhar a primeira edição do Festival Dulcina, em 2018, se tornando a primeira edição do Festival Dulcina a ser organizada pelo Ministério Público, em 2019. Eu senti que era a hora de fazer o projeto do conselho curador e fiquei no cargo de 2017 a 2019. Eu senti que era a hora de fazer o projeto de patrocínio privado, que foi bem sucedido. Com o peso da aura de Dulcina pairando sobre o festival, a primeira edição, que contou com nove espetáculos, foi exitosa: "Foi surpreendente e emocionante. Todas as pessoas que participaram, ao final do espetáculo, sempre agradeceram a participação e desejavam voltar ao festival". O novato chegou com ares de veterano. "A gente percebeu que o festival já nasceu com a energia de evento consolidado", completa Cleber.

Inicialmente prevista para 2020, a segunda edição do festival teve de ser cancelada devido à chegada da pandemia de covid. O engajamento do projeto, a qual Cleber se referiu como o desmonte de um sonho, felizmente, chegou ao fim. Previsto para acontecer entre os dias 3 e 13 de novembro, o Festival Dulcina contará com 15 espetáculos, sendo 6 de Brasília e 9 de grupos nacionais. Para contemplar as vagas, um edital de chamamento será publicado hoje. A curadoria, comandada pelo ator e diretor André Amaro e pela atriz Eliana César, priorizará obras que tenham presença física dos atores no palco,

que teve ausência tão sentida no isolamento social. Das 15 vagas, uma é dedicada a espetáculos que contêm pessoas com deficiência. Além da celebração do teatro, o festival servirá, também, de vitrine para a Faculdade, que, entre problemas de gestão e desgastes pandêmicos, acabou ferida.

A faculdade

Vítima de uma gestão anterior desastrosa, a Faculdade de Artes Dulcina de Moraes estava financeiramente fragilizada quando, à porta da instituição, bateu a pandemia. O inevitável formato de aula remota, que ajudou o mundo da educação a seguir de forma paliativa, enfrentou ainda mais dificuldade em traduzir uma arte tão física quanto o teatro. Não havia outro jeito. "O que não tem remédio está remediado", desabafa Fernando Guimarães, professor da instituição. Ainda assim, o educador resolveu ter uma visão otimista de ver o palco meio cheio: "Eu acho que

conseguimos realizar grandes projetos no formato on-line". Fernando, bem como o corpo docente que leciona na instituição, assume que doses de amor pelo ideal da Faculdade são necessárias para seguir em frente. "Eu sinto que eu tenho uma dívida com a faculdade", declara Guimarães.

"Foi a primeira vez que se falou de um teatro tipicamente brasileiro. Muitas pessoas incríveis passaram pela faculdade, que fica em um lugar de fácil acesso para todos. Vários atores nossos estão na televisão", afirma Fernando, quando perguntado sobre a importância do espaço para a capital. Aprendiz de Dulcina de Moraes, o professor recorre às memórias com a dama do teatro para reafirmar a própria missão: "Eu convivi com ela, fiz o curso com ela, foi minha professora. Ela é de quem sou hoje como professor. Muito é do aprendizado com ela". Em um exercício de imaginação, o educador projeta o que ela pensaria sobre a atual conjuntura da arte: "Ela [Dulcina] ficaria muito triste com o Brasil. Para ela, não existia nada fora da arte".

Foi surpreendente e emocionante. Todas as pessoas que participaram, ao final do espetáculo, sempre agradeceram a participação e desejavam vida longa ao festival".

Cleber Lopes, diretor geral do Festival Dulcina

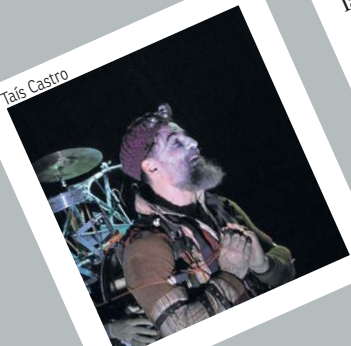
» PEDRO ALMEIDA*

Coração de Brasília volta a pulsar arte. O Teatro Dulcina convida, por meio de edital a ser publicado hoje, atores, grupos e espetáculos a dar vida ao Festival Dulcina, previsto para ocorrer em novembro deste ano. Até inscrições ficarem abertas até o dia 25 de julho e podem ser realizadas on-line no site www.festivaldulcina.com.br.

Em 4 de fevereiro de 1908, a cidade de Valença, no interior do Rio de Janeiro, recebia um espetáculo. A estrela, Conchita de Moraes, estava no ventre da atriz Conchita de Moraes, a futura dama do teatro decidiu que a subida da mãe ao palco seria a hora oportuna de vir ao mundo. Impedida de atuar e com hospitalidade negada no hotel local, Conchita foi acolhida pela então Condessa de Valença, que a concedeu um casarão abandonado para ser o palco da peça armada pelo vintouzeiro bebê. Em um colchão, rodeado por prestativos moradores, a mãe entrega a criança à luz que, como reza a lenda, chega ovacionada por uma salva de palmas. Nos 88 anos que se seguiriam, o teatro nunca mais seria o mesmo. As palmas, incessantes, prosseguiriam junto.

Com início precoce na arte, Dulcina atuou por grande parte da vida. A atriz, contudo, tinha uma visão holística do teatro que não se prendia somente ao ofício no palco. Em 1955, a Fundação Brasileira de Teatro (FBT) foi fundada no Rio de Janeiro pelo artista. Em 1980, Dulcina percebeu que o quadrado no meio do mapa Brasileiro se assemelhava, em seu formato geométrico, a um gigante e inexplorado continente. Aqui, ficou bandeira no palco da cidade com a fundação do Teatro Dulcina de Moraes e a transferência da FBT, que posteriormente se tornaria a Faculdade de Artes Dulcina de Moraes. As cortinas da dama do teatro se fecharam em 1996, quando

Cesar Lignelli em cena no Festival Dulcina



Festival Dulcina, José Celso, Teatro Oficina



Teatro Oficina no palco do festival

